

**RESENHA:**

**A não tão sólida condição humana.**

**Por: Cláudia Hausman Silveira**

Doutoranda em Ciências Humanas no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas (DICH/UFSC), Mestre em Sociologia das Organizações (UFPR). Professora do Departamento de Saúde Comunitária - UFPR

Bauman, Z. (2003). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 190 p.

Chega ao Brasil a tradução do livro de Zigmunt Bauman *Amor Líquido*, uma interpretação lúcida e pertinente das relações modernas, a partir da perspectiva de um judeu polonês quase octogenário que passou pelos horrores da II Guerra, bem como pelas perseguições ao comunismo, nos anos 60.

Difere da maior parte das abordagens sobre o mundo virtual, a internet e os *sites* de relacionamento na construção da afetividade e das relações no mundo moderno. Das pesquisas realizadas e publicadas sobre o tema no Brasil, podemos citar “Sexo, afeto e era tecnológica: um estudo de *chats* na Internet” organizado por Sergio Dayrell Porto da Faculdade de Comunicação da UNB, 1999, ou “Amor na Internet: quando o virtual cai na real” da jornalista Alice Sampaio, 2001, ou ainda, “*Blog*: comunicação e escrita íntima na Internet” da também jornalista Denise Schittine de 2004. Os dois primeiros abordam, fundamentalmente, os diálogos eróticos das salas de encontro virtual, enquanto que o terceiro focaliza espaços onde a modernidade “publicisa” o privado e, nesse sentido, traz uma discussão interessante sobre o público e o privado no mundo moderno.

Bauman, em última análise, nos leva a perceber a estreita relação existente entre a forma de organização econômica e da produção de nossa sociedade e a construção da sociabilidade. Ou seja, uma sociedade que exige competência profissional para trabalhar



As preocupações do autor sobre a economia são hoje compartilhadas por diversos pensadores, Agamben entre eles. Porque não existe boa ou má economia? Porque ela é sacralizada a ponto de não ser qualificável? Porque somente o que está fora dela (a economia dos economistas) é adjetivado?

Será conseqüência da modernidade fluida e veloz, considerar perdido o tempo necessário à construção do afeto? A técnica parece ser capaz de expressar a razão, mas qual a expressão da emoção?

Assim, Bauman consegue fazer uma análise dialética da sociedade moderna, na qual, sem perder de vista os determinantes estruturais das relações sociais, incorpora a subjetividade humana ao discutir temas como “amar ao próximo como a si mesmo” relacionado ao “amor-próprio”. Nesta perspectiva, desmonta os argumentos daqueles que tentam justificar como “necessária” ou “inevitável” a perda de vidas de civis nas guerras. Atribui um valor único e insubstituível à cada indivíduo.

O autor parece nunca esquecer que o bem é a liberdade de poder escolher o *fazer*. Quando podemos prever o futuro, deixamos de ser livres e a liberdade é fundamental à Condição Humana, um conceito que surge exatamente quando as incertezas da modernidade a tornam fluida, quando a certeza da tradição começa a ruir. A lucidez de Bauman nos faz mais livres.

